



Cenários temáticos de festas infantis: Espaços ficcionais anunciadores de performance e (re)construção de narrativas

Cláudia Regina Ponciano Fernandes*
Danielle Barbosa Lins de Almeida**
Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira***

RESUMO: Este artigo discute sobre narrativas anunciadas em cenários temáticos de festas infantis, buscando identificar quais representações de mundo permeiam esses espaços e como a performance dos participantes acontece. Fundamenta-se nos conceitos de performance (ZUMTHOR, 2000), multimodalidade (KRESS E VAN LEEUWEN, 2001, 2006; DIONÍSIO, 2011 e ALMEIDA, 2009) e fotografia (SANTAELLA, 2012), além da Gramática do Design Visual (KRESS E VAN LEEUWEN, 2006) como ferramenta metodológica. Os resultados apontam que cenários temáticos, repletos de imagens simbólicas, podem funcionar tanto como uma espécie de teatralidade que fortalecem narrativas já existentes como também a construção e comunicação de si mesmo.

Palavras-chave: Temas de festas infantis; Performance; Multimodalidade; Fotografia.

Considerações iniciais

A propagação da literatura infantil para a formação da criança é imprescindível, seja de forma oralizada, escrita ou visual, seja no contexto escolar, familiar ou de entretenimento. Para tal, é fundamental que ocorra uma interação e envolvimento entre o mediador dessa literatura (narrador) e o leitor (ouvinte, observador) através de elementos que assegurem a unidade textual e forneçam expressividade às narrativas (BORTOLIN; ALMEIDA JÚNIOR, 2011) transformando-as em histórias constituintes da memória da criança, do seu imaginário simbólico.

Com o advento das novas tecnologias de informação e comunicação, surgiram diferentes meios de apropriação e transmissão de narrativas orais por meio da indústria cultural: livros, filmes, séries, peças teatrais etc. As novas formas de narrar na atualidade têm passado por modificações que contribuem para a permanência da literatura oral e popular (COSTA, 2015). Essas reconfigurações, conseqüentemente, incentivam a produção e o consumo de produtos e serviços. É o que tem acontecido nas festas de aniversários infantis no Brasil, caracterizadas por cenários temáticos repletos de produtos simbólicos que remetem a

* Professora efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), campus Guarabira, Paraíba, Brasil. Doutoranda em linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: claudiaponcianoifpb@hotmail.com.

** Professora efetiva da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil. Doutora em Língua e Literatura Inglesa pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: danielle.almeida@gmail.com.

*** Professora efetiva da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: calurenia@gmail.com.

narrativas orais clássicas ou contemporâneas, mas que também se assemelham a uma feira de exposições devido à sua disposição no espaço físico.

Assim, este texto visa discutir sobre narrativas que são anunciadas em cenários temáticos de festas de aniversário infantil, buscando identificar representações de mundo, cenas das narrativas percebidas e como ocorre a performance dos participantes a partir desses espaços ficcionais. A ideia desta discussão surgiu a partir das leituras sobre performance em (ZUMTHOR, 2000), especificamente o espaço ficcional como uma “intenção de teatro”, sendo o espaço um dos elementos da performance, além da voz, do corpo, da presença física, dentre outros, despertando uma associação com tais cenários, objetos de estudo de uma pesquisa mais ampla¹. Se os cenários temáticos, compreendidos como textos multimodais, são espaços fictícios que anunciam uma narração, uma performance, busca-se responder: Quais representações de mundo e cenas das narrativas são evidenciadas nos cenários? Quais performances são identificadas e por parte de quem? Esses cenários temáticos podem ser instrumentos para propagação da literatura infantil?

Para fins de sistematização da discussão, além desta introdução e das considerações finais, o texto está organizado em três seções: na primeira, uma descrição e contextualização dos cenários temáticos de festas infantis brasileiras; na segunda, um entrelaçamento dos conceitos teóricos adotados, a saber: performance (ZUMTHOR, 2000), multimodalidade (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001; DIONÍSIO, 2011; ALMEIDA, 2009) e fotografia (SANTAELLA, 2012); na terceira, uma breve análise de cenários de uma mesma temática, através de fotografias, em diferentes festas de aniversário infantil, voltando-se assim para o paradigma qualitativo-interpretativista como delineamento metodológico, uma vez que se descreve, analisa e interpreta os dados recortados, concebidos em uma situação real. A pertinência deste estudo recai no fato de se investigar a relação entre as imagens desses cenários temáticos de festas infantis e a literatura infantil, textos multimodais que circulam no cotidiano da infância, passíveis de análise linguística, porém ainda não explorados sob essa perspectiva.

1. Cenários temáticos de festas infantis

Os cenários temáticos em questão dizem respeito às decorações específicas em festas de aniversários infantis, construídos em casas de festas, com temas centrais voltados para personagens da mídia globalizada, geralmente relacionados às narrativas orais tradicionais, como Chapeuzinho Vermelho, A Branca de Neve e seus sete anões, A Cinderela, A Bela Adormecida, O Pequeno Príncipe, Peter Pan, etc. ou às narrativas contemporâneas, como O Mundo do Bitá, Os Incríveis, Minions, etc. De acordo com uma amostra inicial de dados² da

¹ Pesquisa de doutorado em andamento (2018-2022) voltada para os cenários temáticos em casas de festas infantis de João Pessoa-PB, especificamente os espaços tridimensionais como textos, analisados a partir da Gramática do Design Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) com adaptações apresentadas por Stenglin (2004); RAVELLI e HERBELE (2016); Ravelli (2014).

² Em amostra inicial para pesquisa de doutorado em andamento (2018-2022), 116 temas para festas infantis foram catalogados até junho de 2018.

pesquisadora, percebe-se que temáticas novas estão sempre surgindo, porém, os clássicos contos de fadas são recorrentes e continuam presentes ao longo da última década.

Sirota (2008) diz que os aniversários representam um ritual antigo que assume, no período contemporâneo, uma força e uma importância inéditas que sublinha a evolução do status da criança. A festa de aniversário é um acontecimento, um ritual que nos permite perceber a performatividade dos corpos nesses cenários, o aqui e agora das ações, sua expressividade. Na festa, a oralidade do cotidiano apresenta-se através de imagens, voz, gestos e singularidades corporais dos sujeitos (aniversariante, pais, familiares, profissionais contratados, convidados) em um acontecimento presente que retoma histórias anteriores e anuncia outras.

É possível que, por um lado, esses cenários funcionem como uma forma de ressignificação e reconstrução das narrativas orais, registradas em fotografias ao longo do tempo, assim como já foram registradas no livro infantil, no cinema, no teatro, uma vez que a voz na contemporaneidade se realiza também através da mediatização (ZUMTHOR, 2000), por diversos suportes e não necessariamente através da presença física de um narrador. Por outro, a maneira como esses cenários temáticos são montados no espaço físico (o todo), composto por detalhes, tais como: decoração com itens simbólicos, música, iluminação, cor, disposição dos espaços para presentes, lembrancinhas, buffet e recreação (as partes) sinaliza um exacerbado consumo de produtos e serviços, uma espetacularização que reflete valores culturais, sociais e econômicos, construindo assim uma narrativa visual de si mesmo.

Sobre o conceito de espetacularização, Sibilia (2008) baseada no termo ‘sociedade do espetáculo’, cunhado por Guy Debord em 1967, postula que com o contexto atual das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação, houve uma alteração nos modos de ser e estar no mundo, criando uma lógica do espetáculo midiático. Nas palavras da autora, não se trata apenas de um conjunto de imagens, [...] “o espetáculo se transformou em nosso modo de vida e em nossa visão do mundo, na forma como nos relacionamos uns com os outros e na maneira com que o mundo se organiza. Tudo é permeado pelo espetáculo, sem deixar praticamente nada de fora.” (2008, p. 44).

Segundo Morigi, Rocha e Semensatto (2008), a narrativa visual nos permite perceber as imagens operando como mediadores simbólicos na manutenção de valores da cultura cotidiana de pessoas comuns, atuando sobre o seu imaginário. Nessas festas infantis, a narrativa de si mesmo, a imagem que o sujeito quer tornar pública como real, parece se misturar com a narrativa escolhida para o cenário temático como um amálgama de imagens simbólicas.

2. Sobre performance, multimodalidade e fotografia

2.1 Performance: corpo, voz e espaço

Segundo Zumthor (2000), a performance é o único modo vivo, eficaz de comunicação poética. É um fenômeno heterogêneo, variável, que se adapta progressivamente a situações culturais e sua recepção só se diferencia na intensidade da presença. Para o autor, a noção de performance está atrelada à ideia da presença de um corpo. “A performance é ato de presença no mundo e em si mesma. [...] Assim, não se pode falar de performance de maneira perfeitamente unívoca e há lugar aí para definir em diferentes graus ou modalidades [...]” (ZUMTHOR, 2000, p. 79).

Pode-se destacar na sua obra ao menos três tipos de performances, resultantes um do outro em gradação: a performance completa, em situação de oralidade pura, comparada ao

modelo teatral, com sua transmissão através da voz, do gesto e do cenário, de um lado, e com sua percepção pela escuta, visão e identificação das circunstâncias do outro; uma outra gradação de performance, quando falta um dos elementos de mediação citados anteriormente, reduzindo o grau de performance; e a leitura solitária e puramente visual, marcando um grau de performance próximo do zero.

O referido estudioso, inspirado por um artigo de Josette Féral, diz que “a performance não apenas se liga ao corpo mas, por ele, ao espaço. [...] o corpo do ator não é o elemento único da ‘teatralidade’; o que mais conta é o reconhecimento de um espaço de ficção” (ZUMTHOR, 2000, p. 46). Teatralidade refere-se a um espaço ficcional programado, semiotizado, levando o espectador a perceber a teatralização da cena e do lugar. O reconhecimento de um espaço ficcional é próprio das comunicações poéticas, pois:

A teatralidade nesse caso parece ter surgido do saber do espectador desde que ele foi informado da intenção do teatro em sua direção. Este saber mudou o olhar, forçando-o a ver o espetacular lá onde até então só havia o acontecimento. Ele transformou em ficção aquilo que parecia ressaltar do cotidiano. (ZUMTHOR, 2000, p. 49).

Percebe-se que a presença física do ator não é necessária para que haja a teatralidade. O próprio ambiente, como uma casa de festas infantis, determina ao observador uma percepção distinta de outros locais. Nesse sentido, os cenários temáticos nessas casas de festas podem ser vistos como uma espécie de teatralidade devido às imagens simbólicas posicionadas estrategicamente para compor e anunciar uma narrativa, uma performance a ser realizada, concretizada através de uma temática reconhecida pelo público. Bortolin e Almeida Júnior (2011, p. 805) postulam que:

Quando precisamos nos enquadrar em espaços já constituídos, em geral e sempre que possível, fazemos adaptações, sejam elas grandes ou pequenas, definitivas ou temporárias. Essa reação reflete a nossa intenção de demarcar território, de personalização e até de sobrevivência, mesmo que seja apenas no nível simbólico.

Quem constrói um espaço ficcional, adapta o enredo básico a um dado momento de produção e às intenções do espectador. É como se fosse o próprio contador de histórias dando vida ao texto. É isso que ocorre com os cenários temáticos de festas infantis, ou seja, espaços ficcionais sinalizadores de um rito de passagem, um acontecimento social em que histórias são sempre recontadas e recriadas com protagonistas diferentes, tornando-se como produções sempre únicas, oriundas de textos inicialmente orais, iguais. Essa recriação evidencia-se pela própria visualidade narrativa imposta pelas imagens, registrada e propagada através de fotografias que funcionam como uma comunicação persuasiva para despertar sensações, emoções e sentidos no leitor, desempenhando uma função documental, mas também publicitária.

Embora a performance seja marcada pelo corpo em presença, por uma materialidade instantânea, tornando a experiência performática irreversível, o registro dessa efemeridade performática deve acontecer para evitar seu total desaparecimento ou esquecimento. Em razão disso, a importância de se registrar os cenários temáticos de festas infantis para possibilitar a identificação de elementos da performance, mesmo sabendo que anunciam só parte dela em uma situação naturalmente performática e multimodal: a festa em si.

A performance completa na visão de Zumthor (2000), assim como a performance anunciada nos cenários temáticos de festas infantis, envolve distintos modos de construção de sentidos através do corpo, voz, gesto, cenário, escuta, visão, possibilitando estabelecer uma

relação entre performance e multimodalidade, conceitos fundamentais para a análise proposta que busca identificar quais representações de mundo permeiam esses espaços e como a performance dos participantes acontece.

2.2 Multimodalidade: modos semióticos além do verbal

Proveniente de distintos modos de construção de sentidos materializados em um texto (KRESS E VAN LEEUWEN, 2001), a multimodalidade tem ganhado visibilidade com o desenvolvimento tecnológico, levando ao desenvolvimento de um letramento multimodal iniciado a partir de uma compreensão leitora de imagens como textos enquanto estruturas correlacionadas para comunicar significados ideológicos, políticos e socialmente embasados (ALMEIDA, 2009).

Nascimento, Bezerra e Heberle (2011) dizem que todo texto é multimodal, mesmo aqueles materializados unicamente através da escrita trazem consigo traços multimodais, tais como: cores e fontes diferenciadas, o tamanho da fonte, o itálico, o negrito e o sublinhado. Desse modo, somente um único modo linguístico se tornaria insuficiente para a produção e compreensão dos significados materializados no texto, já que não existe texto monomodal.

Outrossim, Dionísio (2011), ao referir-se à multimodalidade de gêneros textuais escritos, vincula o conceito de aspectos visuais não apenas às fotografias, telas de pinturas, desenhos, caricaturas, mas também a disposição gráfica do texto no papel ou tela. Mesmo em um gênero escrito, aparentemente constituído de um só modo de representação, há recursos semióticos empregados ao mesmo tempo tais como a disposição tipográfica, o formato das letras e a pontuação que contribuem para a constituição de sentidos.

Kress e Van Leeuwen (2006) desenvolveram uma ferramenta analítica aplicável aos textos multimodais, a Gramática do Design Visual (GDV), baseada na Gramática Sistêmico-Funcional proposta por Michael Halliday. A GDV estabelece uma sintaxe visual formada por três significados principais: representacionais (relação entre participantes, ações e circunstâncias), interacionais (interação entre o observador da imagem e o participante) e composicionais (distribuição e organização dos elementos da imagem) que ocorrem de forma simultânea, mesmo que um deles sobressaia. Devido à natureza peculiar de um artigo e para atingir o objetivo proposto de identificar quais representações de mundo permeiam esses espaços, somente os significados representacionais serão observados na análise. Por essa razão, segue uma concisa explanação sobre a metafunção representacional.

A metafunção representacional se encarrega de mostrar quais são os participantes internos representados, quando, onde e como interagem entre si (KRESS E VAN LEEUWEN, 2006). Os participantes são representados por pessoas, objetos ou lugares. Sua realização ocorre através de estruturas narrativas e estruturas conceituais, subdivididas em processos, participantes, circunstâncias ou encaixamentos.

Nas estruturas narrativas, os participantes estabelecem relações entre si, envolvendo-se em ações e eventos. Nesse caso, os processos são classificados em ação, reação, verbal, mental. Os participantes desses processos são identificados, respectivamente, por Ator/Meta, Reator/Fenômeno, Dizente/Enunciado, Experenciador/Fenômeno. Os processos de ação são identificados quando os participantes executam ações, visando ou não uma meta. O Ator é aquele que executa a ação através de um vetor, de uma direcionalidade da ação, enquanto que a Meta é o alvo dessa ação. A Meta pode ser visível ou invisível na imagem, caracterizando a ação respectivamente como transacional ou não transacional. Os processos de reação são identificados pelo olhar dos participantes, visando ou não um fenômeno. O Reator é o

participante que olha enquanto que o Fenômeno é o objeto do olhar. Quando esse objeto do olhar é visível na imagem trata-se de um processo de reação transacional, sendo invisível trata-se de um processo de reação não transacional. Os processos verbais são identificados por balões de fala, como em histórias em quadrinhos, onde o Dizente é o participante animado e o Enunciado é a fala do balão. Os processos mentais se caracterizam por balões de pensamento, onde o Experienciador é o sujeito que pensa e o Fenômeno é o conteúdo do balão.

Nas estruturas conceituais, os participantes não executam ações. Eles são definidos, analisados ou classificados e os processos são chamados de conceituais classificacionais, simbólicos ou analíticos. Os processos conceituais classificacionais organizam simetricamente pessoas/objetos semelhantes em uma mesma classe e os participantes são identificados como aqueles que são subordinados (características comuns) e superordenados (categoria maior) através de uma estrutura evidente (quando a relação taxonômica hierárquica entre participantes é explícita) ou coberta (quando a relação entre participantes é suprimida). Os processos conceituais simbólicos organizam os participantes em termos do que significam ou são e podem ser do tipo atributivo ou sugestivo. No simbólico atributivo, os participantes são identificados como portadores e atributos simbólicos, realçados pelo posicionamento, tamanho exagerado, iluminação, foco, saliência, associação a valores simbólicos. No tipo sugestivo, os participantes são identificados como portador e atributos sugestivos. No tipo sugestivo existe apenas um participante cuja identidade é intrínseca ao portador e há escassez de detalhes. Os processos conceituais analíticos organizam os participantes através de uma estrutura de parte/todo que é realizada de forma estruturada (rótulos ou descrições sobre as partes) ou desestruturada (não especificam a relação entre parte/todo) Os participantes são identificados como portador (todo) e atributos possessivos (parte). Já as circunstâncias ou encaixamentos são o contexto, locação, meios, acompanhamentos.

Visto que os cenários temáticos podem ser compreendidos como espaços ficcionais sinalizadores de performance para narrativas (re)construídas visualmente, envolvendo distintos modos de construção de sentidos, uma análise à luz da GDV auxiliará a identificar quais representações de mundo permeiam esses espaços. A fotografia é o gênero visual escolhido por representar imagens que falam, o próximo ponto apresentado.

2.3 A fotografia: imagens que falam

A fotografia pode ser compreendida tanto como um texto visual quanto multimodal, assim como a pintura, a escultura, o grafite, a charge, por exemplo. Necessita ser lida mesmo sem as palavras, devido a sua composição de cores, brilho, tamanho, enquadramento, iluminação, nitidez etc., tão passível de leitura e análise como qualquer outro texto.

A leitura visual da fotografia não impõe uma ordem sequencial na forma de leitura, como os textos verbais que iniciam a leitura da esquerda para a direita, começando pelas primeiras palavras. A leitura visual pode ser realizada de acordo com as metafunções propostas pela Gramática do Design Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). É uma leitura subjetiva, requer conhecimento prévio do leitor, sua sensibilidade, podendo ser iniciada pelo elemento visual mais proeminente.

A fotografia é mais que um registro documental, é uma possibilidade de vivificar a memória e evidenciá-la através da palavra. É um meio de marcar o tempo, de exposição de si, de comunicação e de publicidade. A fotografia pode ser relida e revivida. É uma fonte

reveladora de cultura e de disseminação do conhecimento. Para Santaella (2012, p. 80), ler uma foto é:

Lançar um olhar atento àquilo que a constitui como linguagem visual, com as especificidades que lhe são próprias [...] pois a significação imanente dos motivos e temas fotografados é inseparável do arranjo singular que o fotógrafo escolheu apresentar.

Pode-se incluir a fotografia à situação de leitura à qual Zumthor (2000) se refere quando diz que nela a “formação” é feita pela escritura, a primeira “transmissão” é feita por manuscrito ou impresso pronto para ser recebido pela leitura e o suporte de “conservação” é o livro. No caso da fotografia, a ‘formação’ seria a visualização da imagem a olho nu, captada pelas lentes da câmera, a ‘transmissão’ seria por papel impresso ou tela digital e o suporte de ‘conservação’ seria o álbum ou cartão de memória com o arquivo digital.

No contexto de festas infantis, a fotografia nos fala sobre uma história real, não fictícia, porém criada a partir de cenário temático voltado para uma narrativa clássica ou contemporânea que o aniversariante e/ou os pais se identificam. Na fotografia, o que está registrado aconteceu de fato. A partir dela podem surgir diversas narrações com significados diferentes de acordo com a percepção do leitor/observador. Se compararmos as fotografias aos livros de imagem, compreendidos como um exercício da oralidade na visão de Silveira (2018), elas podem ser um meio de propagação da literatura infantil. Para a autora supracitada, o fato de não apresentarem palavras escritas não os afasta do universo das palavras, considerando que são necessárias as palavras, um texto criado pelo leitor, para que as histórias sugeridas ganhem vida.

3. Multimodalidade em fotografias de cenários temáticos “A Cinderela”: uma performance anunciada

Por tratar-se de uma narrativa clássica conhecida, não se pretende resumir o enredo, provavelmente armazenado na memória do leitor. Entretanto, sobre a narrativa é relevante citar as palavras de Costa (2015, p. 9) quando diz que “Poucos contos populares alcançaram a popularidade de ‘Cinderela’ e talvez nenhum outro tenha sido tão recriado para teatro, cinema, televisão, fotonovela, literatura infantil, quadrinhos [...]”. A autora ressalta que embora o principal meio de transmissão de contos populares seja a oralidade, é indiscutível a importância dessas outras formas na vitalização e fixação do texto na memória coletiva.

Devido à natureza peculiar deste artigo e as vastas opções de temas para cenários de festas infantis, o tema da Cinderela foi escolhido tanto por ser um clássico infantil, quanto por aparecer na amostra inicial de fotografias coletadas nas redes sociais, mostrando cenários de festas realizadas em 2018, 2017, 2016, 2014 e 2009. O recorte escolhido refere-se a duas fotografias, uma de 2018 e outra de 2009, com maior distância temporal e priorizando imagens que mostram a mesa principal dos cenários.

Primeiramente, após apresentação de cada cenário, será feita sua descrição e contextualização com base nos significados representacionais. Na sequência, Figuras 1 e 2, apresentamos imagens representativas do conto da Cinderela e elementos da performance, baseados nos conceitos zumthorianos que correspondam à reconstrução da narrativa em questão. Por último, a análise interpretativa.



Figura 1- Festa de aniversário de 5 anos

Fonte: [Tindolelê - Buffet Kids e Teens](https://www.facebook.com/tindolelejp/fotos). Disponível em < <https://www.facebook.com/tindolelejp/fotos>>. Acesso em Junho de 2018

A Figura 1 é uma fotografia postada no Facebook pela casa de festas Tindolelê, localizada em bairro nobre da capital paraibana. Trata-se de festa de aniversário de 5 anos realizada em abril de 2018.

Inicialmente, a leitura descritiva da imagem se respalda na metafunção representacional da GDV. Como mencionado antes, significados representacionais se encarregam de mostrar quais são os participantes internos representados na imagem, quando, onde e como interagem entre si (KRESS E VAN LEEUVEN, 2006), através de estruturas narrativas e conceituais. Na Figura 1, quatro participantes representados estão em maior evidência: a aniversariante, o performista, o bolo e o vaso com flores. Percebem-se tanto relações através de estruturas narrativas, com processos de ação e reação, quanto através de estruturas conceituais simbólicas, expressando o que o participante significa ou é.

As estruturas narrativas de ação são percebidas por parte do performista ao inclinar-se e beijar a mão da aniversariante, como também pela aniversariante ao erguer sua mão para ser beijada e ao sorrir. Neste caso, ambos são atores e metas. Já as narrativas de reação acontecem por parte da aniversariante quando reage ao beijo recebido na mão, olhando e sorrindo, já que ele a beija de olhos fechados³. A aniversariante é o participante reator e o beijo é o objeto do olhar.

Quanto às estruturas conceituais simbólicas, os dois participantes humanos portadores de atributos simbólicos através de papéis diferentes que lhe são atribuídos pela vestimenta requintada, cores da roupa, posturas e gestos, caracterizando-os como princesa e príncipe. O bolo e o vaso de flores também possuem atributos simbólicos que sinalizam comemoração e alegria. O bolo caracteriza-se pela cor azul claro, altura exagerada lembrando um castelo, uma carruagem no topo e um relógio na frente que juntos sinalizam a temática da Cinderela. O

³ Na imagem não é possível visualizar as ações do olhar e do sorrir porque optamos por preservar os rostos, uma vez que o foco da análise está no cenário temático.

vaso com flores, predominantemente em tons de rosa e folhas verdes, sinaliza vida, alegria, comemoração.

Esses elementos somam-se a outros em menor evidência, mas não menos importantes. No plano de fundo, observa-se a imitação de um palácio, com paredes e janelas. Em primeiro plano, a mesa exibe outros elementos simbólicos em miniatura: número cinco referenciando a idade, carruagens, relógio, castelos, cinderelas, príncipes, fadas, abóboras, castiçais, mobília clássica. A vestimenta usada pelo casal indica uma comemoração pomposa, um baile. São detalhes que contribuem para um cenário que anuncia uma história, uma festa de aniversário com a temática da Cinderela.

Com relação à performance zumthoriana, essa ocorre através desse espaço fictício montado para a festa, formado por todos os participantes representados já citados, em especial, a presença do casal, sua postura, gestos, vestimentas e o bolo, mas também pelos elementos menores. A imagem selecionada registra apenas uma das cenas da festa (há muitas outras fotos para essa mesma festa que podem ser visualizadas). No caso em questão, representa o ápice do conto em uma das versões da mídia, um final feliz com o príncipe beijando a Cinderela. Tais elementos levam à reconstrução de um momento do conto, mas também constrói outra narrativa na qual o real e o imaginário se mesclam: a festa de aniversário é o baile; a aniversariante é a Cinderela; o animador é o príncipe. É a própria narrativa de vida sendo construída através da fantasia escolhida.

Assim, a imagem analisada sinaliza como a “elite” comemora e registra o rito de passagem de sua filha no cenário moderno, com formato luxuoso e requintado, cheio de fantasias, uma delas é a cena evidenciada na imagem, um final feliz para sua princesa sendo beijada por um príncipe. As performances identificadas são as atuações da aniversariante e do animador contratado para animar a festa. Esse cenário temático pode ser instrumento para fortalecimento da literatura infantil, mas também de uma narrativa de si a partir da imagem ideal escolhida para ser publicada nas redes sociais.



Figura 2 - Festa de aniversário

Fonte: [Javé Yirê: 2009 - ligiameloalmeida.blogspot.com](http://ligiameloalmeida.blogspot.com). Disponível em <http://ligiameloalmeida.blogspot.com/2009>> Acesso em maio de 2018.

A Figura 2 é uma fotografia postada no blog de Lígia Almeida, proprietária da casa de festas Javé-Yirê Recepções e Locações, bairro do Geisel, zona sul da capital paraibana. A fotografia refere-se a um aniversário realizado em julho de 2009. A idade da aniversariante não foi informada.

Observa-se, inicialmente que os participantes se apresentam em termos de sua essência, de sua significação em relação aos demais, formando assim uma imagem repleta de estruturas conceituais que organizam os participantes em termos do que significam ou são. A Cinderela é o participante portador, repetida tanto no painel em plano de fundo quanto na mesa em forma de boneca inflável. Seus atributos simbólicos são realçados pelo tamanho e centralidade no plano de fundo, pelo penteado, cor azul, vestido longo e demais atributos simbólicos associados a ela, como o castelo e sapato de cristal.

Em primeiro plano, outros participantes estão distribuídos na mesa principal em forma de um jardim caracterizado por miniaturas do príncipe, da Cinderela, do castelo, da fonte, postes, cavalos, árvores, flores, grama. Entre esses participantes, a Cinderela e o príncipe se destacam pela posição centralizada e cores contrastantes. No centro da mesa (embora menos proeminente), há o bolo decorado com um sapato de cristal. Entre esses participantes, o príncipe se destaca pela cor contrastante da roupa e vestimenta, posicionado próximo à Cinderela na mesa.

O cenário como um todo simula a parte exterior do castelo da Cinderela, mas outros elementos simbólicos como o arco com bexigas coloridas e o bolo remetem a festividades, alegria e felicidades na cultura brasileira. O bolo é bem menor se comparado ao bolo da imagem anterior, porém parece comestível enquanto que o outro cinematográfico. Não há uma ação representativa do conto, mas elementos simbólicos que o representam. Também não há exageros de itens personalizados sobre a mesa. Esses detalhes sugerem uma festa para poucos convidados e para um público de classe média diferente do anterior. É relevante informar que existem poucas fotos disponíveis para essa festa no blog, diferente da festa anterior. Talvez por tratar-se de uma festa ocorrida há uma década, sem o olhar voltado para essa indústria de festas infantis.

Em termos de performance, esta não se liga a presença de um corpo físico em atuação, executando ações, mas ao espaço que anuncia performances através desses elementos simbólicos constituintes do cenário. Não há como identificar ações performáticas pela imagem mostrada, mas se pode recriar, reinventar e imaginar outras ações baseadas nos participantes representados dispostos na imagem.

Essa segunda imagem analisada expressa como outra classe social comemora e registra o rito de passagem de sua filha, com a mesma temática e fantasia, mas sem tanta sofisticação e luxo. Os materiais usados no cenário parecem ser de isopor, emborrachado, plástico, pintura à mão. A fantasia também é do príncipe encantado como foco central. Esse cenário temático pode ser instrumento para fortalecimento da literatura infantil através da narrativa de si mesmo, da imagem ideal a ser publicada nas redes sociais.

Em ambas as fotografias, os cenários, os elementos simbólicos representativos da narrativa tradicional juntam-se aos elementos simbólicos indicadores de outra narrativa, a festa infantil: colorido, bolo, vela, bexigas, mesa decorada. Assim, os cenários temáticos são compreendidos como narrativas visuais comunicadas e recebidas durante a festa, coincidindo no tempo, mas também comunicadas por fotografias desses cenários que falam, através das imagens, em um tempo posterior. Estas fotografias ganham voz e expressividade sempre que houver um narrador disposto a relatar o acontecimento para um ouvinte e que ambos compartilhem do mesmo contexto situacional e cultural.

Considerações finais

Este artigo apresentou uma discussão sobre os cenários temáticos de festas infantis como espaços fictícios montados para anunciar uma performance, uma narrativa. A discussão desenvolveu-se a partir de três indagações iniciais: Quais representações de mundo e cenas das narrativas são evidenciadas nos cenários? Quais performances são identificadas e por parte de quem? Esses cenários temáticos podem ser instrumentos para propagação da literatura infantil?

Com relação às representações de mundo, observou-se que nas duas imagens, há a representação da Cinderela e seu príncipe como foco central, além do aumento na quantidade de produtos e detalhes de decoração na festa realizada em 2018. Quantidade possivelmente resultante do poder aquisitivo dos pais da criança e da publicidade desses produtos. Tais observações parecem sinalizar duas performances esperadas. A primeira é para as aniversariantes “Cinderelas”: todas devem ter um príncipe. A segunda é destinada ao público adulto, observador da imagem: quanto mais detalhes na decoração dos cenários temáticos mais reais parecem, ou seja, conseqüentemente, mais consumo, mais status social.

Em termos de cenas representativas do conto evidenciadas nos cenários, apenas uma foi observada. No primeiro cenário, o beijo do príncipe na mão da Cinderela-aniversariante, sinaliza como a “elite” comemora e registra o rito de passagem de sua filha no cenário moderno, com um final feliz para sua princesa sendo beijada por um príncipe. No segundo cenário, observam-se apenas elementos simbólicos representativos da narrativa com a mesma temática e fantasia, mas sem tanta sofisticação e luxo. A fantasia também é do príncipe encantado como foco central.

Quanto à identificação de performance, o cenário fictício é o elemento principal sinalizador de uma narrativa. Nele, recursos multimodais representativos do motivo da comemoração (bolo, bexigas, vela) e representativos do conto (cor azul claro, luminosidade, castelo, carruagem, sapato de cristal, miniaturas da Cinderela e do príncipe) colaboram na constituição de sentidos para as narrativas serem (re)construídas.

Nas imagens analisadas, observou-se não apenas reconstruções da narrativa tradicional, mas um meio de construção e comunicação de si mesmo, de valores, refletindo como a sociedade molda a família e como esta molda a sociedade. Os cenários, quando divulgados em fotografias nas redes sociais, ultrapassam a esfera privada, como uma espécie de espetacularização, de autobiografia, tanto por parte da casa de festa quanto da família, que também publica as fotografias.

Em síntese, acredita-se que os cenários temáticos funcionem como instrumentos para propagação e fortalecimento da literatura infantil, embora esta pareça ficar em segundo plano, passando a ter outros significados no imaginário infantil.

Children’s birthday party themes as fictional spaces that communicate performance and reconstruct narratives

ABSTRACT: This article discusses narratives that are announced in children's birthday party themes, trying to identify which representations of the world permeate these spaces and how the performance of participants occurs. It is based on the theoretical assumptions about performance (ZUMTHOR, 2000), multimodality (KRESS AND VAN LEEUWEN, 2001, 2006, DIONÍSIO, 2011 and ALMEIDA, 2009), photography (SANTAELLA, 2012) and the Grammar of Visual Design as methodological tool. The results have pointed that the children's party themes, full of symbolic images, can function as both a kind of theatricality that announces and strengthens existing narratives but also as a means of building and communicating self-narratives.

Keywords: Children's party themes; Performance; Multimodality; Photography.

Referências

- ALMEIDA, D. L. B. Do Texto às Imagens: As Novas Fronteiras do Letramento Visual. In: PEREIRA, R. C. R. P. *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. 1ª. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 173-202.
- BORTOLIN, S.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. D. A mediação oral da literatura: o bibliotecário: voz, corpo, espaço e performance. *Repositório do Projeto de Pesquisa "Questões em Rede"-UFF-BENANCIB*, Niterói- RJ, 2011. 796-811. Disponível em: <repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/handle/123456789/1371>. Acesso em: 04 janeiro 2018. Apresentação oral.
- COSTA, E. S. Narrativas Orais na Contemporaneidade: conexões e fissuras. In: CORDEIRO, V. M. R. E. L. E. G. D. *Modos de ler- oralidades escritas e mídias*. Curitiba: Arte e Letra, 2015.
- DIONÍSIO, Â. P. Gênero Textuais e Multimodalidade. In: KARWOSKY, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 137-151.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. London: Routledge, 2006.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *What is multimodality? Multimodal Discourse: The Modes and Media of Contemporary Communication*. London: Arnold, 2001.
- MORIGI, V. J.; ROCHA, C. P. V. R.; SEMENSATTO, S. Narrativa visual, informação e mediação do espírito comum em festas comunitárias. *Inf. & Soc.*, João Pessoa, 18, set/dez 2008. 159-170.
- NASCIMENTO, R.; BEZERRA, F.; HEBERLE, V. Multiletramentos: iniciação à análise de imagens. *Linguagem e Ensino*, Pelotas, 14, Jul/dez 2011. 529-552.
- RAVELLI, L. Análise do espaço: adaptação e ampliação de esquemas multimodais. *Matraga*, Rio de Janeiro, 21, jan/jun 2014. Tradução de Maria Alice Antunes e Bianca Walsh.
- RAVELLI, L.; HERBELE, V. Bringing a museum of language to life: the use of multimodal resources for intetactional engagement in the Museu da Língua Portuguesa. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 16, n. 4, p. 521-546, Junho 2016.

SANTAELLA, L. *Leitura de Imagens*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012., 2012. 10-24 p.

SIBILIA, P. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVEIRA, M. C. A. A. Ler livros de imagem: buscar palavras e construir narrativas. *ENLIJE-Anais Colóquio Internacional educação: cidadania e avaliação*, Campina Grande - PB, 1, 2018.

SIROTA, R. As delicias de aniversário: uma representação da infância. *Revista Eletrônica de Educação*, São Carlos, SP, 2, n. 2, nov 2008. 32-59. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br>>. Acesso em: 10 maio 2018. Traduzido por Rosária Cristina Costa Ribeiro.

STENGLIN, M. *Packaging Curiosities: Toward a Grammar of Three Dimensional Space*. University of Sydney. Sidney, p. 513. 2004.

ZUMTHOR, P. *Performance, recepção e leitura*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000. 137 p.

Data de envio: 26/06/2019

Data de aceite: 01/12/2019